Notas sobre dilemas éticos na pandemia de coronavírus

Luis Fernando Biasoli¹, Márcio Alberto Costanzi²

RESUMO

Por meio de uma revisão de literatura sistemático-crítica, priorizando o método dialético de expor os dois lados do problema, tentando uma possível síntese, far-se-á uma análise de algumas publicações que retratam o tema da pandemia que o mundo enfrenta nesta segunda década do século XX, buscando-se, primeiramente, apresentar um panorama de algumas das grandes catástrofes sanitárias que marcaram a história da humanidade. Depois, apresentam-se características epidemiológicas do vírus COVID-19 e, por fim, disserta-se, criticamente, sobre a forma como a sociedade civil brasileira e as elites político-institucionais estão enfrentando esta catástrofe, trazendo à luz alguns dos principais dilemas ético-morais que se estendem sobre uma reflexão teórico-filosófica sobre o futuro de nosso tempo.

Palavras-chave: COVID-19; pandemia; ética; sociedade.

ABSTRACT

Notes on ethical dilemmas in the coronavirus pandemic

By a systematic-critical literature review, prioritizing the dialectic method of exposing both sides of the problem, trying for a possible synthesis, we will analyze some publications that portray the theme of the pandemic that the world is facing in this second decade of the twentieth century, seeking, first, to present an overview of some of the great health catastrophes that have marked human history. Then, we will try to present epidemiological characteristics of the COVID-19 virus, and, finally, we will critically discuss how the Brazilian civil society and the political-institutional elites are facing this catastrophe, bringing to light some of the main ethical-moral dilemmas that extend over a theoretical-philosophical reflection on the future of our time

Keywords: COVID-19; pandemic; ethics; society.

1. **Professor** de Bioética, Pós-Doutor em Filosofia, Universidade de Caxias do Sul (UCS) – lfbiasoli@ucs.br

2. **Médico**, Pós-graduado em Bioética, Universidade de Caxias do Sul (UCS) - marciocostanzi@hotmail.com

Endereço de correspondência:

Luís Fernando Biasoli – Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Bairro Petrópolis, Caxias do Sul/RS - CEP 95070-560

Declararam não haver conflito de interesses.

Introdução

O ano de 2020 ficará marcado na história da humanidade para sempre, pois há gerações não se conhecia uma doença que causou tamanha transformação no modo de vida das populações em escala global. Pode-se dizer que dado os efeitos e as transformações causadas pelos gigantescos impactos da doença, está-se a viver numa nova civilização ou num novo marco temporal. Diante do agravamento da situação, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o novo coronavírus uma pandemia em 11 de março de 2020.¹ Segundo eles, pandemia implica no espraiamento em escala global de uma nova doença contagiosa; desta forma, o conceito passa a ser usado quando uma epidemia, um surto que afeta uma determinada região, espalha-se por diferentes continentes e regiões do globo terrestre e é transmitido de pessoa para pessoa.²

No início do século XX, a humanidade já se defrontou com algumas situações catastróficas que ameaçaram a saúde de várias populações, entretanto nenhuma com a magnitude da vivenciada agora, Schueler declara:

Antes da Covid-19, a pandemia mais recente havia sido em 2009, com a chamada gripe suína, causada pelo vírus H1N1. Acredita-se que o vírus se originou de porcos e aves e depois passou para os humanos. O primeiro caso foi registrado no México. A OMS elevou o status da doença para pandemia em junho daquele ano, após contabilizar 36 mil casos em 75 países. No total, 187 países registraram casos e quase 300 mil pessoas morreram. O fim da pandemia foi decretado pela OMS em agosto de 2010.²

Estas situações de pandemia se agravam porque os países não estão preparados para fazer frente às demandas necessárias para protegerem suas populações, mais ainda incorrem em perigo os cidadãos dos países das economias emergentes. Cientes de que este artigo está sendo apresentado, ainda, em meio ao desenrolar da tragédia da pandemia e que outras variáveis sócio-político-econômicas podem inflectir sobre a história atual e futura das nações; objetiva-se, com a prudência necessária e justa - *cum grano salis* - não se fazer um juízo definitivo e pronto sobre a situação sanitária atual vivida, experienciada e sofrida pelo Brasil e pelos países que mais foram impactados pela moléstia, por vezes, fatal e que deixa indelévels sequelas aos acometidos, tanto física como psicologicamente. Sequelas, talvez, que nem mesmo o tempo curará. Apenas almeja-se lançar algumas luzes teóricas sobre alguns pontos que podem ajudar na reflexão e no discernimento, para que possamos - todos - compreender o momento atual. Acredita-se que para superarmos essa situação mais fortes, conscientes e articulados; a fim de enfrentarmos melhor outros desafios sanitários que a história humana nos coloque diante, devemos conhecer e estar cientes das causas que nos trouxeram até aqui.

A COVID-19 vem se somar a uma lista extensa de doenças. Sabe-se que não são novas as calamidades sanitárias que se abateram sobre os povos e civilizações durante todo o processo histórico. Pode-se exemplificar várias, entre elas: a febre tifoide que dizimou um quarto dos soldados atenienses e grande parte da população urbana durante a Guerra do Peloponeso. Esta doença fatal debilitou a hegemonia de Atenas, mas a virulência completa da doença preveniu sua expansão para outras regiões e partes da Ásia menor. A doença exterminou seus hospedeiros a uma taxa mais rápida que a velocidade de transmissão. Durante milênio muito se conjecturou, hipoteticamente, sobre as causas desta peste devastadora na Grécia Antiga, com muitas suposições alimentando várias teorias; contudo, em 2006, após muita pesquisa, meticulosamente os cientistas da Universidade de Atenas analisaram materiais recuperados de covas mortuárias encontradas debaixo da cidade milenar e descobriram a presença de bactérias causadoras da febre tifoide, reescrevendo, assim, de forma mais fidedigna, parte da história antiga².

Ademais, segundo os trabalhos de pesquisa de Schueler, pode-se afirmar, fazendo uma breve retrospectiva histórica de outros momentos marcantes, que:

na Peste Antonina (165–180) – talvez causada pela varíola trazida próximo ao Leste; matou um quarto dos infectados. Cinco milhões no total. Na Peste de Cipriano (250–271) - possivelmente por varíola ou sarampo, iniciou-se nas províncias orientais e espalhou-se pelo Império Romano inteiro. Segundo relatado, em seu auge chegou a matar 5 000 pessoas por dia em Roma. Já a chamada Peste Negra (1300) - oitocentos anos depois do último aparecimento, a peste bubônica tinha voltado à Europa [...] começando a contaminação na Ásia, a doença chegou à Europa mediterrânea e ocidental em 1348 (possivelmente de comerciantes fugindo de italianos lutando na Crimeia), e matou vinte milhões de europeus em seis anos, um quarto da população total e até metade nas áreas urbanas mais afetadas.

No século retrasado, a Gripe Espanhola (1918-1920) foi uma pandemia do vírus influenza que, entre janeiro de 1918 e dezembro de 1920, infectou 500 milhões de pessoas, cerca de um quarto da população mundial na época. Estima-se majoritariamente que o número de mortos esteja entre 17 milhões a 50 milhões, com algumas projeções indicando até 100 milhões. Independente da diferença entre os números, trata-se de uma das epidemias mais mortais da história da humanidade.²

A pandemia de COVID-19, causada pelo vírus Sars-CoV-2, tem sua origem no final de 2019, supostamente na China e, rapidamente, dissemina-se para outros países. Hoje em dia, dado o universo das acirradas guerras de narrativas políticas que permeiam nosso tempo, há muitas especulações sobre a causa real e verdadeira do surgimento da pandemia. Não cabe aqui analisá-las; mas encontram-se teorias para todos os gostos e à saciedade dos vários ângulos do espectro político contemporâneo. Debate-se, entre outras coisas: se o alastramento da pandemia estaria correlacionado a um projeto político de controle econômico dos mercados mundiais; ou uma nova forma de bioterrorismo para mudar a ordem mundial. Mas, o certo é que a pandemia se intensificou, primeiramente, na Itália, na Espanha, no Reino Unido e nos Estados Unidos, onde o número de contaminados e vítimas fatais formaram cenário dramático;³ em 2021, também o Brasil foi epicentro da pandemia.

Sabe-se que, cientificamente, Sars-CoV-2 é o agente viral causador do que se denominou “*coronavirus disease 2019*”, popularmente conhecido como COVID-19. Uma análise biológica de seu material genético revela que ele é, basicamente, formado por 30 mil genes organizados em RNA envelopado. A família do coronavírus é conhecida por causar doenças de gravidade abundantemente variadas e bem documentadas na literatura médica.⁴ Não podemos esquecer que a primeira epidemia causada por esse tipo de vírus - síndrome respiratória aguda grave (Sars) - ganhou destaque nos noticiários e na mídia internacional em 2003, na Ásia, causando um grande espanto e terror nas populações que se viram fortemente ameaçadas por uma doença nova, cuja cura e imunização eram desconhecidos. Em 2012, novamente o mundo foi aterrorizado por outro coronavírus, que fez a Arábia Saudita ganhar as manchetes do mundo inteiro e entrar na pauta dos cuidados sanitários prioritários das agências e dos organismos internacionais, com a síndrome respiratória do Oriente Médio (Mers). Além destas três variantes, pode-se citar outras quatro - HKU1, NL63, OC43 e 229E -, conhecidas, mundialmente, por causar moléstias de baixa gravidade em humanos.^{5, 6, 7}

Importante registrar o que foi divulgado e publicizado em tudo o mundo: o primeiro caso de infecção por Sars-CoV-2 de que se tem registro, oficialmente, deu-se em Wuhan, província de Hubei, na China, onde um paciente, frequentador do mercado de animais vivos para abate da cidade, apresentou um quadro clínico de pneumonia aguda grave até então desconhecida.⁴ Alguns animais nada palatáveis ao gosto alimentar dos ocidentais - como o morcego (*Rhinolophus affinis*) e o pangolim-malaio (*Manis javanica*) -, podem ser considerados os possíveis vetores originais de transmissão para os humanos, dada a proximidade genômica dos coronavírus encontrados nestas espécies e o vírus causador da covid-19.^{5, 8}

Estudos científicos enfatizam ampla similaridade do genoma de todas as linhagens mapeadas no mundo, sugerindo que um único contágio animal-humano tenha sido a gênese da pandemia.^{5, 8, 9} Desde o início da disseminação, questões que envolvem biossegurança bioterrorismo e bioproteção, incluindo governança, assumiram importância sem paralelo na geopolítica internacional e nas agendas de interesse dos países. Parece que estamos revivendo os tempos mais duros e nebulosos da Guerra Fria, ou quiçá da Segunda Guerra Mundial. Embora o Sars-CoV-2 tenha sido classificado em grau de risco 2 pelas autoridades sanitárias especializadas, sua alta transmissibilidade e virulência atestam que é necessário adotar níveis de biossegurança mais elevados que os atuais em voga, isto é, os que a humanidade estava preparada e adaptada. Sobremaneira, para os profissionais de saúde, entre os quais o número de infecções e óbitos tem sido bastante expressivos.^{10, 11} Pacientes em estado clínico grave têm recebido medicamentos para atenuar sintomas, além de sedação, indução de coma e, quando necessário, suporte respiratório mecânico, na expectativa de que o sistema imunológico responda e consiga debelar o processo viral.^{12, 13}

Impactos da pandemia em nosso tempo

Crises sanitárias não são novidades na história da humanidade - como viu-se acima -, apesar de serem raras e, por vezes, passarem-se séculos sem que se tenha registro de alguma.

Mas, não são apenas as pandemias que aterrorizam com dor e sofrimento as populações nos quadrantes mundo a fora. Sabe-se que, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia do coronavírus, o mundo já enfrentava graves e desafiadoras questões humanitárias, calamidades sociais e catástrofes ambientais, entretanto, nenhuma delas é novidade na história da humanidade¹⁴. Nosso tempo, sobremaneira, é marcado por outras apocalípticas catástrofes que, geralmente, não ganham a dimensão midiática necessária para alertar e sensibilizar às populações sobre o sofrimento e as mortes em grande escala que acometem milhares de pessoas todos os dias. Há muitas guerras e conflitos belicosos que estão empobrecendo milhares de pessoas em países de Terceiro Mundo, ceifando a vida de inúmeras pessoas, além de gerarem um rastro de miséria, com um aumento significativo de famintos e desabrigados.

O crescente fenômeno da imigração de cidadãos da África e do Haiti para o Brasil e a Europa é apenas mais um sintoma desta hecatombe sociopolítica de nosso tempo, que escancara uma crise ainda maior: a falência de nosso sistema econômico em absorver com dignidade, emprego e renda as pessoas. A exclusão social é uma das maiores chagas de nossos dias, e faz sangrar milhares de vidas inocentes, tirando-lhes a oportunidade de uma existência melhor. Afora o ressurgimento de discursos racistas e xenófobos – como os neonazistas –, impulsionados pelas redes sociais, que fragilizam as conquistas civilizatórias conseguidas a duras penas após a Revolução Francesa. Ademais, as crises políticas internas nos países, aliadas às condições locais péssimas dos serviços de saúde e à falta de uma rede proteção social prévia adequada para receber os imigrantes, tornam este cenário desafiador. Dados de 2019, segundo a agência da ONU (Organizações das Nações Unidas) para refugiados, mostram que existem 68.5 milhões de refugiados; dos quais, infelizmente, 52% são crianças e adolescentes.¹⁴

De acordo com Ferreira, soma-se a isso,

o recrudescimento de doenças consideradas erradicadas em muitos países, como o sarampo e a poliomielite, e a baixa da cobertura vacinal. A origem não está apenas no “movimento antivacina”, que ameaça o mundo com sua ignorância e irresponsabilidade, mas em vários outros fatores, como o relaxamento pela inexistência temporária da doença, a falta de investimento adequado na saúde pública e de vontade política em resolver o problema, bem como, modelos de gestão equivocados e corrupção. O desemprego, que no Brasil chegou em 2019 a 11,8 milhões de cidadãos, é motivo de preocupação e ameaça para muitos países, desenvolvidos ou não. A velocidade do progresso tecnológico, equivocados na evolução da produção de alimentos e bens de consumo e na distribuição de renda e atenção prioritárias aos desempregados e suas famílias, tornam, hoje, praticamente impossível a resolução desse grave entrave ao desenvolvimento humano. O atendimento aos desempregados e desvalidos não têm estratégia definida, muito menos eficaz, com recursos e atenção insuficientes, com visível incompetência, descaso e irresponsabilidade. [...] A saúde e a vida seguiram seu curso, em risco perene pelo descaso com o meio ambiente, crime praticado pelos governantes, mas também por parte da sociedade, que teimam em ignorar ou não acreditar no aquecimento global e no iminente fim da vida no planeta.¹⁴

Dado o descaso histórico dos governantes com o serviço público essencial para a população, pode-se afirmar, seguramente, que nosso país não estava suficientemente equipado para fazer frente a uma catástrofe sanitária com características tão letais e com alto poder de contágio entre a população. Conforme Ferreira, “o Brasil não estava preparado para o dia a dia da população sem desastre ambiental ou pandemia, muito menos para os dias atuais que nos impõe o novo coronavírus”.¹⁴

Nestes tempos de calamidade, a medicina e a ética são forçadas a reverem seus rumos e aprimorar seus conceitos; pois nunca precisamos tanto delas como agora. Por sua vez, desde o surgimento da reflexão bioética, no século XX, talvez este seja o momento em que a discussão por temas sobre a vida tenha atingido seu ápice. Assim, urge uma ponte teórico-prática entre as humanidades e a nova tecnologia, visto que a pandemia está permeada por dilemas ético-morais, e apenas uma reflexão madura e séria conseguirá ajudar a trazer novas luzes para desanuviar estes tempos tão sombrios em todos os sentidos.

Conforme afirma Porto, no capítulo dois do livro *Bioética e Covid-19*, a melhor medida frente a um surto mundial de uma doença tão contagiosa e grave, isto é, a melhor intervenção possível, seria a busca efetiva e ativa para a identificação dos casos e a rápida adoção de medidas profiláticas, para evitar a disseminação e tratar das pessoas contaminadas. Para isto, é mister garantir a testagem,

isolar os casos e assegurar leitos hospitalares apropriados para o tratamento. Estas seriam medidas inteligentes e consagradas na literatura médica para conter a pandemia. Depreende-se que essas medidas podem garantir a saúde social e econômica e atender o preceito utilitarista.¹⁵

A falta de recursos humanos capacitados para realização de testes e acompanhamento dos pacientes, outrossim, penaliza as nações que não investem maciçamente numa educação de qualidade para todos, e negligenciam um atendimento sanitário eficaz, restringindo o acesso a serviços públicos básicos para grupos privilegiados. Em decorrência disto, não contam nem com a qualidade necessária de profissionais capacitados para um enfrentamento mínimo da pandemia. Somado a isto: há o fato de que o entendimento da população acerca da gravidade dos fatos não está à altura do exigido.¹⁵

A partir disso, pode-se afirmar que a pandemia de COVID-19, com seus milhares de mortos, doentes e sequelados; e com suas perdas socioeconômicas, já seria a maior tragédia que nossa geração enfrenta. Apenas podendo ser comparada à Segunda Guerra Mundial. No entanto, ela faz eclodir os dilemas advindos da grande desigualdade social, e potencializa as consequências da falta de educação em amplos grupos da população. Nossa sociedade, não de hoje, diga-se a verdade, vive um verdadeiro *apartheid* social, com uma desestruturação socioeconômica que impacta em todos os índices e indicadores estatísticos que se possa analisar. Há desde falta de saneamento básico para milhões de pessoas até carências de alimentação básica que adoecem parcelas significativas da população.

Sabe-se que das grandes nações do mundo em riquezas naturais e industriais, o Brasil é o país que tem a maior disparidade econômica entre seus cidadãos. Muitos brasileiros não desfrutam das conquistas do estado de direito e estão à margem da cidadania plena, isto é, carentes de educação, saúde, renda e aposentadoria. Apesar de sermos uma jovem democracia – com eleições periódicas e tripartição de poder – enormes mazelas sociais são uma realidade cotidiana: filas nos postos de saúde, muitos moradores de rua, crianças longe das escolas ou em condições de vulnerabilidade, ademais, a baixa renda da classe empregada, que tem renda mensal muito aquém para suprir suas necessidades básicas, a fim de ter uma vida plena e digna. Segundo o relatório de 2018 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) coloca o nosso país na 79ª posição de um total de 188 países do globo.¹⁶ Posição desonrosa, situação dolorosa e que retrata uma triste e dura realidade que pode ser avistada, facilmente, nas esquinas e sinaleiras de nossas cidades ou nos rincões mais afastados do centro do Brasil.

Conforme Porto, diante das dificuldades, para adotar as intervenções adequadas à contenção da pandemia, que abrangem políticas de longo prazo nas dimensões administrativa, econômica, fiscal, educacional e sanitária; resta o último esforço para a contenção: o isolamento social. Se esta acaba sendo a única saída, especialmente para os que vivem em locais em que a ameaça mortal é uma realidade cotidiana, nem sempre se revela exequível. Assim, surge o problema real: como impor às pessoas a obrigatoriedade de ficar em casa, quando a fome e a miséria impõem a busca pela sobrevivência imediata? Além disso, para os que vivem na pobreza, a privação de alimento soma-se a moradia em espaço nada confortável e a precariedade da situação de trabalho.¹⁵

Conforme Érico Andrade, a experiência do tempo não é uniforme na pandemia:

para as pessoas desempregáveis, a experiência do tempo é sempre imediata. É por isso que há uma resistência de parte da população em simplesmente parar todas as suas atividades. Enquanto a classe média pode organizar o seu tempo dividindo-o em conformidade com a rotina que a pandemia lhe impõe, a maior parte da classe trabalhadora lida com o tempo de forma profundamente apreensiva pela iminência de uma demissão ou de modo fortemente resignado diante de uma contaminação de que dificilmente pode escapar.¹⁷

Sabe-se que a sociedade não é apenas a soma aritmética do número de indivíduos, mas algo muito maior. Assim, as enormes desigualdades nas condições de vida dos diferentes estratos populacionais levam, inevitavelmente, ao questionamento sobre a real existência da coletividade. Ainda que todos nós nos reconheçamos como brasileiros, podemos dizer que vivemos no mesmo Brasil? Não bastassem as diferenças culturais desse país continental, que amálgama povos de diversas origens, temos ainda discrepâncias sociais tão acentuadas que talvez – de fato – só estejamos compartilhando o espaço, sem constituir uma coletividade que consiga apontar o que

seria o bem comum.¹⁶ A diferença na forma de ver, sentir e valorar o mundo nos diferentes estratos sociais se acentua à medida que aumentam as desigualdades.

Quanto mais desiguais forem as condições de vida das pessoas, mais seus mundos se afastam, mesmo quando habitam os mesmos espaços urbanos:¹⁵ tanto do ponto de vista social, quanto do econômico, fundamentado na forte assimetria econômica e na abissal desigualdade social, isto é, na presença de privilégios para uma minoria aquinhoadada e na falta de políticas efetivas de proteção à vida humana em todas as suas dimensões. Assim, quando percebemos que apenas estamos ocupando o mesmo espaço dentro de uma cidade e usamos o mesmo idioma português, mas muito distantes de um conjunto de pessoas que procuram um objetivo comum – enquanto nação – que seja o bem-estar coletivo de todos, podemos admitir, com certeza, estarmos muito distantes de ser uma sociedade, uma nação que visa a objetivos maiores¹⁵.

A crise se agrava à medida que as autoridades sanitárias e os representantes políticos não conseguem se articular para dar respostas à altura da pandemia. Há um grande descompasso nas políticas públicas, para minorar os malefícios advindos de um sistema de proteção social que não está protegendo a população. Quando interesses pessoais estão sendo postos em primeiro lugar em detrimento de estruturas republicanas de atendimento, não se pode esperar efetivos resultados de melhoria na qualidade de vida ou mesmo uma vitória sobre a atual doença que desconcerta nosso país. Muitas das dificuldades advindas da pandemia surgem da falta de sensibilidade social, seja das autoridades públicas ou mesmo das pessoas comuns que não seguem as mínimas recomendações médicas de prevenção. O agravamento da pandemia é um sinal de que o tecido social brasileiro não está tão conectado assim; pois parece que a sociedade é formada por um conjunto de ilhas que não se conectam e não interagem, isto é, nas quais cada grupo pensa apenas em seus interesses particulares e em suprir suas necessidades à base do sacrifício dos mais vulneráveis.

Para agravar a situação – por outro lado –, pseudointelectuais inebriados com o falso e sofisticado saber contribuem com teorias desconexas de todas as ordens que mitigam a capacidade reflexiva de apontar caminhos reais, para sanar as dificuldades do país. Poucos foram aqueles que admitiram, mesmo tendo titulações acadêmicas e se dedicado ao estudo, que estamos em um momento ímpar da história humana e que não existem soluções simples e rápidas para problemas tão complexos. A pandemia evidenciou que estamos imersos numa cultura narcísica e extremamente individualista e desnudou nossas aparentes certezas. As pessoas, em geral, não estão preocupadas com a saúde e o bem-estar coletivo, mas apenas com o seu eu; a individualidade exacerbou-se deveras. Vê-se que há uma falta de cuidado para com a saúde do outro, uma falta de responsabilidade quase total com a alteridade; que é o que há de mais valioso na vida humana. Ao negligenciar o uso de máscara, está-se pondo em risco o outro, e, mais ainda, potencialmente colocando sua própria vida em perigo, e isto não parece causar o menor remorso, constrangimento ou sentimento moral em muitas pessoas que fazem da imoralidade seu *modus vivendi*. Para exemplificar essa situação aterradora: grupos sociais mais abastados da sociedade, supostamente os mais intelectualizados, buscam comprar vacinas e se imunizar sem passar pelos procedimentos republicanos e isonômicos que os órgãos de saúde pública agenciam. A irresponsabilidade, seja da elite econômica ou política, como de pessoas menos abastadas que organizam festas e aglomerações, espelham, fielmente, uma cultura hedonista que transforma o eu e a busca de prazer ou bem-estar desmedido em imperativo ético-moral, subvertendo qualquer escala razoável de valores.

Conclusão

O impacto da COVID-19 foi deveras profundo e se alastrou para todos os países, contudo, como sempre, as classes sociais que mais são afetadas residem no estrato social com menor renda e acessibilidade aos bens de consumo. Desta forma, a medicina e as ciências do cuidado tiveram que se reinventar para dar conta a contento da enorme demanda e sobrecarga de trabalho, com recursos, por vezes, escassos e precários. É mister reconhecer que os esforços hercúleos dos profissionais que estão na linha de frente do combate à pandemia foram um estímulo para que outras pessoas também se sensibilizassem, para almejar e proporcionar melhor qualidade de vida para todos. Repensar o modo de vida das pessoas à luz de uma ética e bioética que incorporem princípios humanísticos parece ser uma das grandes notas características destes dias infernais que viram muitas pessoas chorarem e/ou sepultarem seus entes queridos.

Por meio deste artigo, sem ter a pretensão de esgotar o assunto, humildemente aprendeu-se, mais uma vez, que as epidemias sempre estiveram presentes em determinados momentos da história da civilização humana, impactando, negativamente, a expectativa de vida da população e deixando um imenso rastro de dor, uma avalanche de miséria e sofrimentos apocalípticos. Entretanto, diferentemente das pandemias anteriores, a de COVID-19 acontece num momento singular e raro, de muitos avanços científico-tecnológicos; graças à internet, a sociedade humana está toda conectada e formamos, todos, uma aldeia global. Literalmente, o que acontece na China nos impacta diretamente. Se isso tem o lado bom e positivo, pois ajuda a avançar a ciência e a acelerar descobertas na medicina e, ademais, a socializar o conhecimento médico; de outro lado, infelizmente, representa uma oportunidade para certos grupos econômico-políticos disseminarem fake news, discursos eivados de ódio e mensagens distorcidas sobre a doença, gerando alarmes desnecessários, ou mesmo incentivando atitudes negacionistas em relação a práticas preventivas consagradas na literatura científica internacional.

Precisa-se estar atento para que as políticas públicas e estatais de combate à pandemia sejam articuladas junto à sociedade civil de forma coesa, organicamente, e com as melhores e mais atuais estratégias epidemiológicas. As respostas para os enfrentamentos que surgem com o aumento do coronavírus, na sociedade, não são simples ou passíveis de análises limitadas; porquanto afetam todo o tecido e a estrutura da sociedade. Para isso, antes de tudo, cada cidadão, seja da área da saúde ou não, deve estar bem-informado sobre a doença; pois a primeira guerra a ser vencida no combate à pandemia é contra as informações distorcidas e negacionistas.

O dilema ético entre preservação da vida e crescimento econômico é uma realidade muito presente nos debates midiáticos e na vida das pessoas comuns, ele tem sua justa razão de ser e não pode ser mitigado. Contudo, para se fazer juízos responsáveis e corretos, deve-se assumir uma posição de empatia para com as pessoas que sofrem: seja as que são vítimas da doença, ou as que têm sua atividade econômica e de renda prejudicadas. Vive-se em sociedade para buscar soluções comuns para o bem coletivo e podermos superar os desafios civilizatórios que surgem. Assim, as autoridades públicas devem zelar, maximamente, pela saúde das pessoas, através de medidas médico-sanitárias, como, também, por meio de subsídios e estímulos econômicos, como redução de impostos – dentro dos limites do que o erário estatal comporta –, para implementar e fomentar uma dinâmica proativa de trabalho e de renda. Menos uso político da pandemia, independente de vieses políticos, ou direcionamentos sensacionalistas das mídias, é parte sumamente importante para a sociedade minimizar os efeitos catastróficos da pandemia e apontar esperanças para um futuro melhor para todos.

Referências

1. Giustina TBD, Gallo JHS, Nunes R. Bioética: ponte para um futuro pós-pandemia. Revista Bioética [Internet]. 2020 [acesso 25 set 2021];28(4):583-4. doi: 10.1590/1983-80422020284000
2. Schueler P. O que é uma Pandemia. Bio-Manguinhos/Fiocruz [Internet]. 2020 outubro 14 [acesso 17 fev 2021]. Disponível: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>
3. Nordling L. 'A ticking time bomb': Scientists worry about coronavirus spread in Africa. Science [Internet]. 2020 março 15 [acesso 15 out 2021]. Disponível: <https://www.science.org/content/article/ticking-time-bomb-scientists-worry-about-coronavirus-spread-africa>
4. Zhu N, Zhang D, Wang W, Li X, Yang B, Song J et al. A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019. N Engl J Med [Internet]. 2020 [acesso 12 set 2021];382(8):727-33. doi: 10.1056/NEJMoa2001017
5. Andersen KG, Rambaut A, Lipkin WI, Holmes EC, Garry RF. The proximal origin of Sars-CoV-2. Nat Med [Internet]. 2020. [acesso 10 set 2021]; 26:450-5. doi: 10.1038/s41591-020-0820-9
6. Coronaviridae Study Group of the International Committee on Taxonomy of Viruses. The *species severe acute respiratory syndrome-related coronavirus*: classifying 2019-nCoV and naming it SarsCoV-2. Nat Microbiol [Internet]. 2020. [acesso 14 set 2021];5:536-44. doi: 10.1038/s41564-020-0695-z
7. Cui J, Li F, Shi Z-L. Origin and evolution of pathogenic coronaviruses. Nat Rev Microbiol [Internet].2019. [acesso 15 set 2021]. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41579-018-0118-9>
8. Zhou P, Yang X-L, Wang X-G, Hu B, Zhang L, Zhang W et al. A pneumonia outbreak associated with a new coronavirus of probable bat origin. Nat [Internet]. 2020 [acesso 15 set 2021];579:270-3. doi: 10.1038/s41586-020-2012-7

Notas sobre dilemas éticos na pandemia de coronavírus

9. Kupferschmidt K. Genome analyses help track coronavirus' moves. Science [Internet]. 2020. [acesso 22 out 2021]; 367(6483):1176-7. doi: 10.1126/science.367.6483.1176
10. Evans SW, Beal J, Berger K, Bleijs DA, Cagnetti A, Ceroni F et al. Embrace experimentation in biosecurity governance. Science [Internet]. 2020 [acesso 16 out 2021];368(6487):138-40. doi: 10.1126/science.aba2932
11. Service RF. NAS letter suggests 'normal breathing' can expel coronavirus. Science [Internet]. 2020 [acesso 22 set 2021]; 368(6487):119. doi: 10.1126/science.368.6487.119
12. Saplakoglu Y. Here's a look at the coronavirus's complicated journey through the body. Live Science [Internet]. 2020 [acesso 4 jun 2021]. Disponível: <https://www.livescience.com/coronavirus-damages-other-organs.html>
13. Wadman M, Couzin-Frankel J, Kaiser J, Maticic C. A RAMPAGE THROUGH THE BODY: The lungs are ground zero, but COVID-19 also tears through organ systems from brain to blood vessels. Science [Internet]. 2020 [acesso 18 jun 2021]. doi: 10.1126/science.abc3208
14. Ferreira S. Ética em tempos de COVID-19. Resid Pediatr [Internet]. 2020 [acesso 30 jul 2021];10(2):1-5. doi: 10.25060/residpediatr-2020.v10n2-06
15. Porto, D. Bioética de Intervenção nos Tempos de Covid-19. DADALTO, Luciana (Org.). Bioética e COVID-19. Indaiatuba: Editora Foco, 2020.
16. United Nations Development Programme. Human development indices and indicators: 2018 statistical update [Internet]. Nova York: United Nations Development Programme. 2018 [acesso 9 jul 2021]. Disponível: <http://report.hdr.undp.org>
17. Andrade E. Tempo é o presente. Vários mundos para uma só pandemia: contra a universalidade do discurso filosófico. In: Reich E, Borges ML, Xavier RC, organizadores. Reflexões sobre a pandemia. Florianópolis: Néfiponline; 2020. p. 71-77. [acesso 28 set 2021] Disponível: <http://www.nefipo.ufsc.br/files/2012/11/LIVRO.-Reflex%C3%B5es-sobre-uma-pandemia-2020.pdf>

Recebido em: 19/06/2021

Revisões requeridas: 03/03/2022

Aprovado em: 01/04/2022